



O REI QUE NÃO SABIA DE NADA



História: RUTH ROCHA
Adaptação: ANA MARIA MACHADO
Ilustrações: CARLOS DE BRITO

*Onde está o nosso rei, olê, olê, olá.
Onde está o nosso rei, olê, seus cavaleiros.*

*Ele está em seu castelo, olê, olê, olá.
Ele está em seu castelo, olê, seus cavaleiros.*

Narrador — Era uma vez um lugar muito longe.

Vozes — E muito diferente daqui.

Narrador — Nesse lugar tinha um Rei.

Vozes — Muito diferente daqui.

Narrador — Esse Rei tinha uns ministros que fingiam
que trabalhavam, mas não faziam nada de nada.
Só resolviam os seus problemas. Seus deles, não seus seus.

Vozes — Tudo muito diferente daqui.

Narrador — Um dia uns cientistas apareceram com uma máquina
fantástica.

Cientista 1 — Veja, senhor Ministro, ela faz tudo sem
cansar Vossa Excelência.

Cientista 2 — O senhor põe a máquina para trabalhar em seu lugar
e vai fazer coisas mais importantes.

Ministro 1 — Ela controla plantações, doutor?

Cientista 1 — Controla, Excelência. E controla as fábricas também.

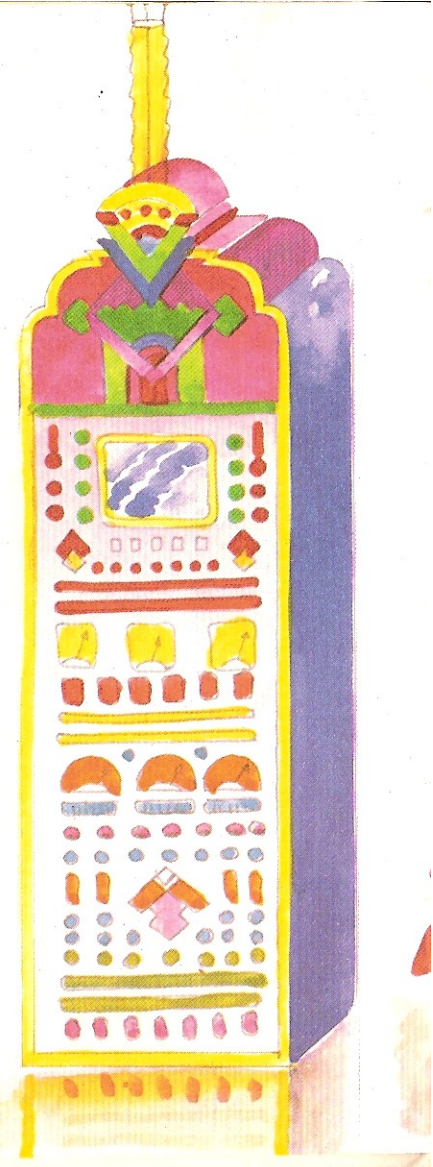
Ministro 2 — E controla estradas?

Cientista 1 — Controla tudo. As estradas, os automóveis,
os elevadores, acho até que ela faz pão!

Cientista 2 — Vai passando e examinando! Máquina igual a esta não há!
Não requer prática nem tampouco habilidade!
Com ela qualquer idiota controla as aulas,
os filmes, o que passa na TV...

Cientista 1 — Cale a boca, seu bobo. Assim parece que você
está chamando os ministros de idiotas!

Ministro 1 — Não, absolutamente. Uma descoberta muito interessante...



- Ministro 2** — Maravilha! Vamos levá-la ao Rei.
Ministro 1 — Isso... Majestade, veja só o que lhe trouxemos.
Ministro 2 — Uma máquina de resolver problemas!
Maravilha absoluta!
Rei — Adoro coisas absolutas! Liguem.
Narrador — Os ministros ligaram a máquina. E ela começou
a funcionar. A tomar conta de tudo. Das pessoas...
Máquina — Tire o dedo do nariz, seu Juiz...
Narrador — A tomar conta das coisas...
Máquina — Isto é uma gravação. O número está errado.
Tente novamente...
Narrador — A tomar conta dos bichos...





Máquina — Cala a boca, louro...

Narrador — Mas máquina é máquina, né? Começa a fazer as coisas e não sabe parar. Volta e meia dá defeito. E começa a fazer besteira. Pois foi o que aconteceu.

Máquina — A partir de hoje, ninguém mais planta feijão, só mandioca. A partir de hoje os sinais de trânsito ficam sempre vermelhos...

Narrador — E teve outras encenquinhas também.

Jornaleiros — Leiam todos! A Gazeta do Reino!

Leitor — Jornaleiro, isto não é jornal, é papel picado...

Jornaleiro — Reclame com a máquina, ela que picou...

Narrador — E os programas de rádio ficaram chatíssimos, as fábricas produziram umas porcarias que ninguém precisava, as escolas não funcionavam direito. Bem que o povo reclamava...

Narrador 1 — Este país está uma bagunça!

Narrador 2 — Como é que o Rei não fez nada?

Narrador 1 — Ele nem sabe de nada...



*Ele está em seu castelo, olê, olê, olá.
 Ele está em seu castelo, olê, seus cavaleiros.
 Eu queria tanto vê-lo, olê, olê, olá.
 Eu queria tanto vê-lo, olê, seus cavaleiros.
 Mas o muro é muito alto, olê, olê, olá.
 Mas o muro é muito alto, olê, seus cavaleiros.*

Narrador — Os ministros morriam de medo que o Rei descobrisse o que se passava. E enganavam o Rei.

Rei — Como vai o reino?

Ministro 1 — Muito bem. Em absoluta calma.

Rei — Como vai o povo?

Ministro 2 — Ótimo! Trabalhando, indo ao circo ...
 Numa felicidade absoluta!

Rei — Maravilha! Adoro coisas absolutas!

Narrador — Quando o Rei ia passear, os ministros só mostravam a ele os lugares certinhos, onde a máquina trabalhava direitinho.

*Vamos passear no jardim celeste, giroflé, giroflá.
 Vamos passear no jardim celeste, pra alguém encontrar.
 Se eu encontrasse com o rei, giroflé, giroflá.
 Se eu encontrasse com o rei, já vou encontrar.*

Narrador — Mas um dia o Rei cismou!

Rei — Estou com vontade de fazer um passeio diferente, em algum lugar aonde nunca fui. Por esta estrada, por exemplo...

- Ministro 1** — Mas, Majestade, por este outro caminho há coisas absolutamente interessantes...
- Rei** — Nada disso. Quero ir por lá. Quero porque quero porque quero!
- Narrador** — E quando o Rei queria porque queria, tinha uma coisa que ele sabia, sabia ter vontade absoluta. Os ministros não queriam que ele fosse por aquele lugar.
- Ministro 1** — Não podemos deixar o Rei ir. A máquina andou fazendo besteira, empurrou as nuvens para longe, não chove há um tempão, está tudo seco!
- Ministro 2** — As plantas murcharam, os bichos fugiram...
- Ministro 3** — As pessoas estão pobres, horríveis, estão até passando fome!
- Ministro 1** — Mas quando o Rei cisma, não tem jeito...
- Ministro 2** — Tenho uma idéia. Sabe quando a gente vai ao teatro e está cheio de coisas pintadas, fingindo que aqui é um bosque, ali é uma lagoa?
- Ministro 3** — Sei! Isso se chama cenário...
- Ministro 2** — Então, a gente faz uns cenários com paisagens, plantações, laguinhos, tudo bonito, fingindo que o país está uma beleza.
- Ministro 1** — Ótima idéia!





Ministro 3 — E as pessoas?

Ministro 2 — A gente contrata uns artistas de roupa bem bonita e cara bem pintada. Quando o Rei passar, eles batem palmas, jogam flores, gritam viva!

Narrador — E assim fizeram... Foram até a praça, contrataram os artistas de circo...

Vozes — Hoje tem marmelada? Tem, sim senhor!
Hoje tem goiabada? Tem, sim senhor! E palhaço o que é? É ladrão de mulher...
Viva o nosso Rei! Viva o Rei...

Dim-dim, dim-dim, dim-dim, ô-lá-lá!

Quem não gosta do rei, de quem gostará?

Dim-dim, dim-dim, dim-dim, ô-lá-lá...

Rei — Obrigado, meu povo! Que beleza!

Narrador — Mas por trás dos cenários estava cheio de gente que morava por ali. E tinha uns meninos jogando bola.

Tião — Vai, Mané, que a bola é sua!

Mané — Boa, Tião!

Vozes — Goooooooooooooool!

Narrador — Na animação do jogo, a bola bateu num dos cenários. Ele balançou, balançou e acabou caindo por cima do outro, e do outro, e foi tudo caindo...

*Tirando uma pedra, olê, olê, olá.
Tirando uma pedra, olê, seus cavaleiros.*

Ministro 1 — Acuda aqui, Ministro, já caiu o cenário da plantação!

*Uma pedra não faz falta, olê, olê, olá.
Uma pedra não faz falta, olê, seus cavaleiros.*

Ministro 2 — O laguinho está despencando! Acudam!

*Tirando duas pedras, olê, olê, olá.
Tirando duas pedras, olê, seus cavaleiros.*

Rei — Ministros, o que está acontecendo?
Cadê aqueles lugares bonitos?

*E a verdade apareceu, olê, olê, olá.
E a verdade apareceu, olê, seus cavaleiros.*

Ator 1 — Viva o Rei! Ei, que que é isso? Pessoal, vamos dar o fora, voltar para o circo...

Ator 2 — É... Senão o Rei acaba pensando que só porque nós somos palhaços inventamos essas palhaçadas...

Narrador — Quando os atores foram embora, os ministros ainda tentaram enganar o Rei chamando o povo.





Ministro — Ô, cavaleiro, dê uma ajuda aqui pra botar esse cenário no lugar.

Popular — Eu, heim! Estou é mais achando ótimo que caia tudo. Tomara mesmo que despenque de uma vez. Zefa, vem ver só!

Zefa — Olha um bando de ministros correndo feito baratas tontas!

Rei — Ministros, mas o que é isso? Meu Deus! Que será que este povo vai fazer?

Ministro — Com medo do que podia acontecer, o Rei saiu correndo pelo meio do povo, que ria e cantava...

A coroa do rei não é de ouro nem de prata.

Eu também já usei e sei que ela é de lata...

Não é ouro, nem nunca foi, a coroa do rei mudou!

É de lata barata, e olhe lá! Borocoxô!

Na cabeça do rei andou e na minha andou também.

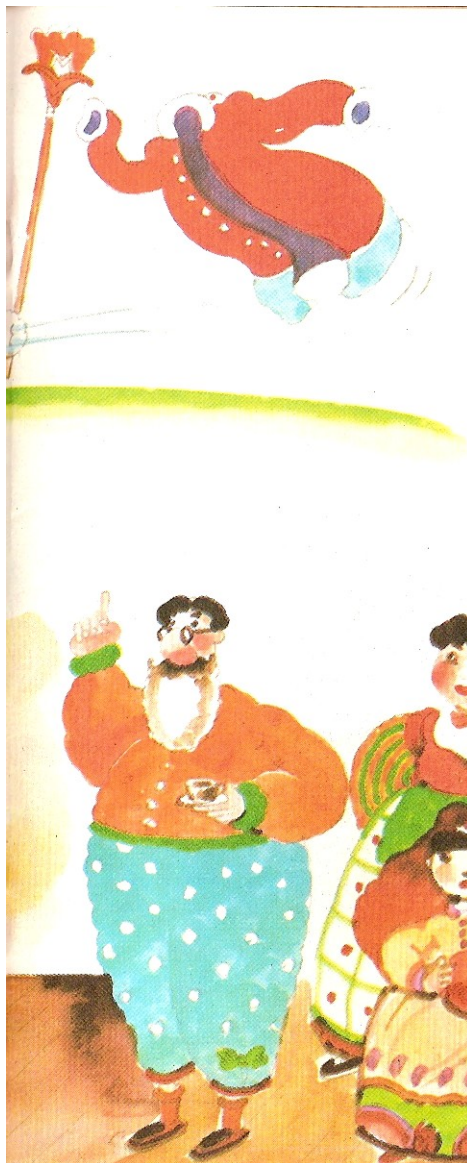
É por isso que eu digo que não vale um vintém.

Narrador — O Rei, assustado, correu, correu e foi perdendo a coroa, o cetro, o manto, o jeitão de Rei. Até que chegou lá longe, no campo.

Rei — Uf! Que cansaço! Vou ficar aqui nesta sombra e descansar um pouco.

- Menina** — Bom-dia, homem! Que é que você está fazendo aqui?
- Rei** — Eu... eu estou chegando de viagem, estou chegando de fora.
- Menina** — Minha avó disse que gente que vem de fora é estrangeiro...
- Rei** — Sim... sim, isso mesmo, estrangeiro, de verdade...
- Menina** — Vem comigo. Mamãe, tem um estrangeiro aqui. Vovô, vem ver...
- Velho** — Seja bem-vindo!
- Mãe** — Sente-se, tome um café...
- Rei** — Pois é, acho que eu cheguei num dia errado. Parece que está tendo uma confusão por aí...
- Mãe** — Dia errado, nada! Um dia muito bom, isso sim!
- Rei** — Bom? Por quê?
- Narrador** — E a mãe da menina contou a história toda dos ministros, da máquina, das besteiras da máquina, dos cenários, dos artistas do circo, tudo enfim. O Rei fez uma cara de espanto.
- Rei** — Coitadinho do Rei, não é?
- Menina** — Coitado, nada! Coitados de nós, que sofríamos por causa da máquina.
- Rei** — Mas o Rei, coitado, o Rei não sabia de nada...
- Menina** — Então mostre a ele, vovô!
- Velho** — Vem cá, estrangeiro, veja só. Espia aquela montanha, lá longe...
- Rei** — Estou vendo...
- Velho** — Está vendo as nuvens lá no alto?
- Rei** — Estou...
- Velho** — Está vendo o castelo do Rei atrás das nuvens?
- Rei** — Não dá pra ver. Está muito longe.





Velho — Isso mesmo. Longe demais. Não dá para ele ver a gente nem ouvir ninguém.

Rei — Pois agora ele já sabe. É que o Rei sou eu.

Menina — O quê? Muito bonito, né, seu Rei? Que papelão! E agora, o que é que Vossa "Reizência" vai fazer?

Rei — Ah, pode ficar sossegada. Vou voltar para o meu castelo, vou mandar os ministros embora, vou arranjar outros, vou desligar a máquina, vou...

Menina — Ah, seu Rei, o senhor não aprendeu nada? Todo cheio de "eu faço", "eu vou"... A gente mesmo dá um jeito. Pode deixar...

Velho — Deixa que eu desligo a máquina.

Mãe — E eu vou lá no castelo e mando os ministros embora!

Pai — Eu fecho o castelo pro senhor.

Menina — E eu chamo todo mundo pra ter idéias e consertar as coisas. E o senhor pode ir pra bem longe, descansar!

A coroa do rei não é de ouro nem de prata...

